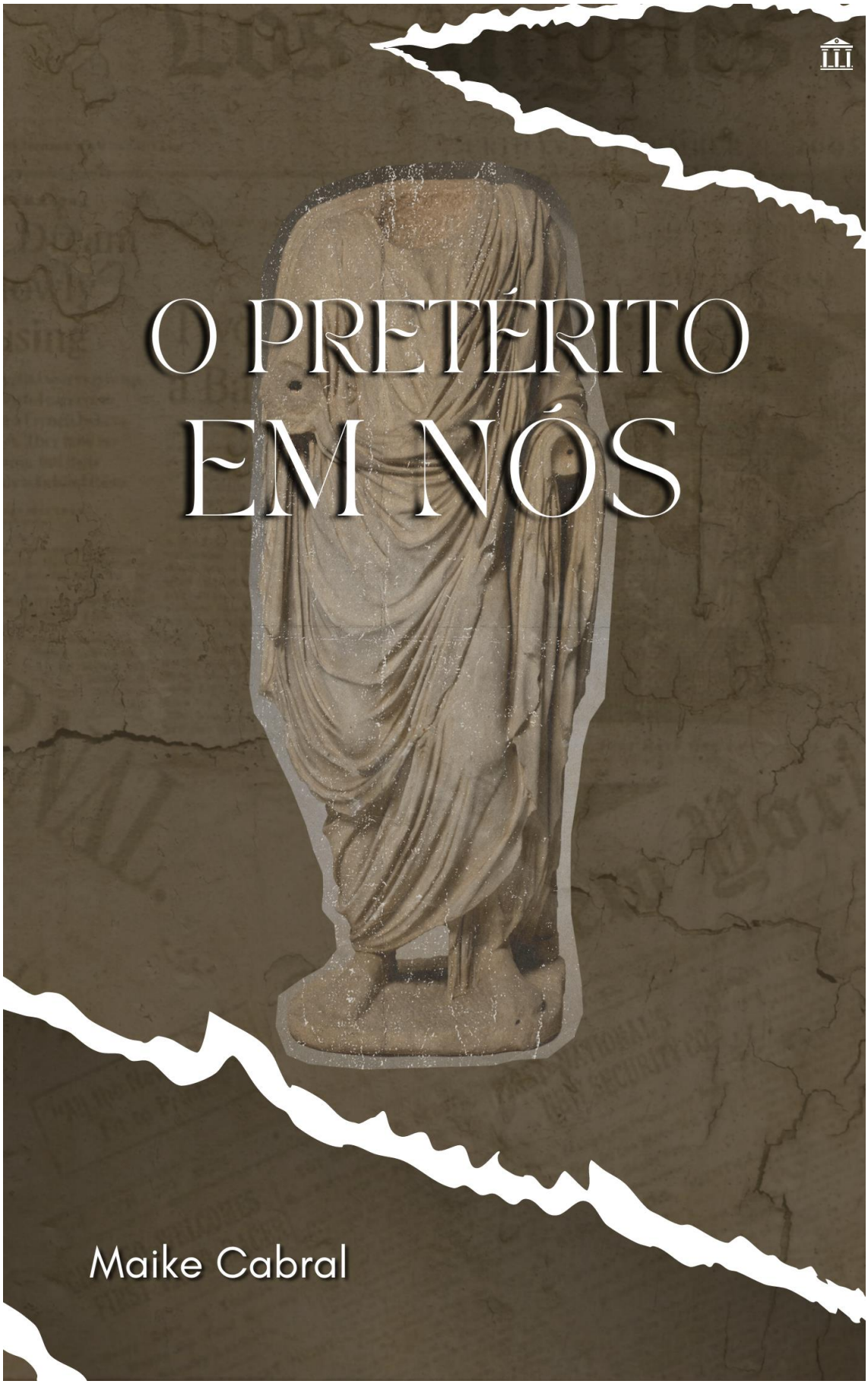
O PRETÉRITO
EM NÓS
Maike Cabral

Omnia vincit amor

2024

Ⱥ

O passado é um inferno querido, já dizia um velho amigo meu que, de tão velho, não se recordava mais do necessário: estar presente a esta imensidão de imagens e afetos, a este inferno que arrastamos na memória: o pretérito em nós.

O maior perigo a que está acometido o pobre servo de Deus, o homem, é se perder diante desta tempestade negra que o persegue de perto. É não olhar para trás - ao contrário de Ló - e virar estátua de sal, de sal insípido. Pois, este "olhar para trás" não se resume à mera recordação, ou à simples lembranças. Ele é eminentemente o *olhar para si*, o olhar por excelência, talvez, o único olhar possível.

Há em nós uma vida que não pode mais ser vivida, mas que ainda sim vive quase que independente, permanente que é por razão de nossa modalidade de presença - ser sem cessar. Somos presença irreversa, anversa ao dolo, um ponto receptáculo que se move e engendra sinais inesgotáveis. São estes sinais que sustentam o *perseguidor*, aquela vasta esfera de irradiação que nos segue e é capaz de assombrar e aquecer; formar e aquiescer um espectro de nossa consciência ainda em suspenção. Por tal, jamais sairemos das sombras desse agressor se a luz do futuro não brilhar mais que as suas lôbregas reticências.

O homem é a vítima perfeita de si mesmo. Ele próprio é seu carrasco, ele próprio é sua platéia em chamas privilegiando o espetáculo da execução. O que ele designa como algoz nada mais é do que o desconhecido eco das palavras de sua autoria, esquecidas, incapazes de reconhecimento - e insuportáveis por razões práticas. Sendo assim, o que o acompanha na cerviz, além de Deus e do diabo, é sua miséria sustentável, um ócio reflexivo de caráter juvenil. Por isso não basta ser *homem*, é necessário não sê-lo algumas vezes.

E o que significa *não ser homem*? No contexto de sua mácula mnemônica, significa *ser objeto*. Objeto de escrutínio, não de sua angústia amnésica, sim do alvor clarividente de Deus. Buscar o resgate das fases sucessivas que se foram - e vivem autônomas - em Sua voz, em Seu desígnio. Não há o que fazer quando a natureza faz apenas o que lhe foi ordenada. Para além disso, somente os braços estendidos em resposta ao critério de exumação em que estamos fadados.

Em sua fuga do presente, e em seus sonhos do além, o homem se esquece da parte fundamental: o obsoleto que é. Este é o personagem mais fiél de sua pobre vida psicológica. Ele está sempre um passo atrás; nunca adiantado no tempo; vez por outra, pregado aos olhos do mais feliz. O obsoleto é a parte humana mais humana, a membrana fina que, se rompida, revela um interior contido e conflítuo. Tudo o que há nele é dele, caso não tenha nos concebido. Mas tudo que é concebido à partir dele, por ele, é esquecido. O obsoleto é o que nos une ao perseguidor, e ambos somos nós.

Eis o mistério: aquilo que mais nos importa é medida de desprezo do mais requerido. O passado arguido, o remoto insólito, o pavor contrito. Nosso perseguidor é justamente o nós que nos separa do nada. Um obsoleto que ri da auto suficiência errática do trovador sem cordas. Cadáver gélido, porém, ditoso.

Sabemos a razão de nossos entulhos emocionais quando o retrovisor está bem posicionado, já que a reflexão é tudo para quem desconhece de onde veio. *Não olhe para trás, siga em frente!* Eis o lampejo das enojadas turbas. São elas que nos adoram sobre o anverso de seu martírio e nos impedem de olhar o caos sempiterno do distante sussurrante. Enquanto ouvi-mo-as, seremos escravos de nossa obra. Talvez por isso, tememos perder o presente - por um assalto do futuro impedido.

O que nos resta senão a História, mestre sem róseas, frontispício do infinito? A História não são os anais e alfarrábios carcomidos dos dendoclatas do destino, mas o horror revolvido do pretérito em nós. Ela é o mito que jaz à sombra do inconsciente, aguardando um mago, um sábio! que lhe restitua a atuação. Enquanto isso ela predomina e domina como um incêndio; se faz de vítima enquanto vomita suas parodias; quando é ósculo, porquanto sóbrio é nossos bocejos. Somos seu mestre, destituído de todos os afazeres.

Assim, somos reféns de um campo absurdamente confuso de memórias, imagens e discursos ecoados pelo amontoalhado de itens profusamente sombrios e estiolados. Estes, subjazem no fundo do oceano obtuso de nossos pensamentos. Câmaras e fundas grotas do imaginário esgotam nosso ânimo ao recolherem todo o conjunto de cenas que antes foram vida vivida, e agora, vivem convertidas por uma procrastinação mórbida. Como acabar com o império do átrio monstruoso que nós mesmos criamos pela falta se circunspecção?

Ser objeto, está é a atitude correta. E objeto pleno de ignorância e evasão. O homem que se entrega ao destino não discute o passado, senão por conveniência ao que há de vir. O passado não é discutível. Ele é a própria e absoluta ausência de argumentação. Nós somos seu objeto, mas temos de roubá-lo nesse sentido. Devemos nos impor com um ato de rebeldia que diz: não desejo mais o *quem fui*, mas o *quem serei*. Tirar do passado sua agrilhoada feição e se devolver a Deus como seu objeto estrito.

Tendo em vista o *perseguidor*, o *obsoleto* e a *atitude* apropriada, podemos avançar no amargo da questão humana: como estaremos após o tempo? É mister perceber que além do bloco conciso e tartamudeante de memórias, sonhos, estímulos e saturações sensíveis que nos persegue há, também, um assustado fantasma de olhos vedados, que não vê o momento de se emancipar do ruidoso clã de histerias que o gerou. Essas duas realidades - ambiente e ambientado - são a face plausível do pretérito em nós. E são elas que devem ser libertas pelo desprezo, pela unção, pelo desejo e pelo martírio, até o momento em que o tempo for um de seus elementos.

Pelo desprezo, arcar com a dor de não ser senhor de si mesmo; pela unção, marcar o penhor que certamente fará do inabarcável uma simples e compreensível imagem; pelo desejo, significar a morte de tudo e a emergência de uma vida anônima; e pelo martírio, aguentar o golpe! Isto é o que deve pender sobre a ausência do tempo e a anuência do espaço, a liberação mais incólume de todas. Uma tarefa impossível ao homem.

A biografia é nossa inimiga nesse intento. Mentimos demais, mentimos às forras! Quem proclama a biografia o fármaco feliz para todas as discórdias não sabe o que diz, e se sabe, não sabe o que pede. Ela nos incita ainda mais a mentir, fingir ou fantasiar louros de glória. Nos conduz ao apreço vão de mixórdias insignes enquanto nos brilha os olhos na louca apreciação de tudo. Deixe-mo-las aos prognósticos de vidas ilustres e pratiquemos a narrativa encarnada.

Que os abutres da literatura andrógina não me peçam a cabeça! São eles os amantes das letras e dos vindimos trotes, os emasculados de ouro e visom - os quais não pretendo embotar a inteligência, ou a diligência, com adágas de tão pouco fio. O que me proponho é lembrá-los, de uma vez por todas, que o conjunto das artes e proto ciências servem- nos em caráter provisório, ínfimo, propedêutico e, com muita agonia, sintético.

Contudo, jamais considerarei o artifício humano um sacrilégio à realidade, embora ei de convir: sua sacralidade é sempre liliputiana.

Em se tratando de realidade, bem pouco podemos diante dela. Principalmente em se tratando de passado e revisão escrutínea. Sabemos o quão pobre é nossa mente que esmola um pouco do acontecido. Poucas moedas caem na lata - poucas, mas não nulas. Algumas nos fazem obter refeições exuberantes, embora a maioria nos deixe de língua interdita. No entanto, a miséria é nossa condição irreversível e diversa. Estamos como um alvo de cores lustres em plena guerra de mentecaptos. A qualquer momento um tiro an fronte nos conduz à uma determinada lembrança, que pode ser tênue, profunda, quente ou sepulcral.

A tênue, nos acaricia por breves momentos enquanto evade para o anonimato; a profunda, nos impor certo medo de não ter indícios que a deponha frente o tribunal mais justo; a quente, é apenas um ditoso musgo que se cola à nossa sensibilidade sem tocar; mas a sepulcral, é a porta de entrada para o âmago obscuro do pretérito em nós.

Quem nunca foi surpreendido por uma recordação deliciosa de sabor necrosado? A memória faz o homem - e desfaz suas ilusões. Ela é a grafia da *bio* feita pela *anima*. A veraz irretocável. Fruto do *sim* e do *não* circunstancial, porém, unânime. Poço dos desejos insondáveis que jamais serão satisfeitos. Àgora das vozes mais rotundas que sempre hão de voltar… e voltar… e voltar, ao soçobro dos amanheceres triviais. Quem não tem memória é tido por ela. Quem não a vasculha, não saboreia. E quem saboreia, morre engasgado!

A solução para o problema humano do passado não é a sujeição absurda à recordação, à lembrança ou ao esquadrinhamento biográfico. É a introspecção e imersão profunda no vazio que somos - separados que estamos do único valor: o verdadeiro Senhor do pretérito em nós.

…